



ISSN 2763-6739



MESTRADO
EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA

**INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS
BÁSICAS E/OU COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA
METODOLOGIA CIENTÍFICA:**

**impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir
de percepções docentes**

<http://doi.org/10.5212/RevTeiasConhecimento.v1i1.2024.a>



Claudio Rodrigues da Silva*

<https://orcid.org/0000-0001-9036-3101>



RESUMO: Tem-se por objetivo apresentar aspectos dos resultados de estudo exploratório, de abordagem qualitativa, baseado em dados empíricos, levantados especialmente por meio de entrevistas semiestruturadas com docentes do Ensino Superior acerca da realização das leituras das bibliografias básicas e/ou complementares das disciplinas dos respectivos cursos por graduandos. Os participantes são 19 docentes do Ensino Superior de variadas instituições – privadas e públicas, estaduais e federais; cursos de Bacharelado e Licenciatura; áreas do conhecimento – Biológicas, Exatas e Humanidades; regiões e Unidades da Federação. Enfatizam-se posicionamentos de participantes que estabelecem relações diretas ou indiretas entre a realização dessas leituras e o domínio dos princípios básicos da metodologia científica em nível de Graduação. Dos resultados, destaca-se que os participantes apresentam diferentes posicionamentos acerca das leituras. A maioria compreende as leituras como um dos principais elementos e, também, como um dos principais desafios de cursos de Graduação. Entre os

* Doutor em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) Faculdade de Filosofia e Ciências, campus de Marília, onde realiza Pós-Doutorado. Integrante do Grupo de Pesquisa Organizações e Democracia (GPOD).

✉ silvanegrao@gmail.com

**INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E/OU
COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA:
impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir de percepções docentes**

Claudio Rodrigues da Silva

apontamentos mais recorrentes dos pesquisados está a não realização das leituras ou a sua realização de forma superficial/parcial por um contingente de estudantes, postura incompatível com o Ensino Superior. Outro aspecto ressaltado é o domínio insuficiente da metodologia científica, fator que compromete o nível de autonomia intelectual e de criticidade dos graduandos, inclusive para a realização dessas leituras. Dentre os apontamentos conclusivos, constatam-se indicativos de ressonâncias recíprocas, diretas ou indiretas, entre os níveis de domínio da metodologia científica e a realização das leituras pelos graduandos. Destaca-se a existência de pontos de convergência e de divergência entre os pesquisados. Os indicativos são de que os desafios pedagógicos envolvendo as leituras no Ensino Superior tendem a se intensificar, o que reitera a necessidade da problematização da temática em discussão neste artigo, inclusive porque elas têm relações diretas e indiretas com a qualidade do ensino.

Palavras-chave: Leituras acadêmicas; metodologia científica; ensino superior.

**INTERRELATIONS BETWEEN BASIC AND/OR
COMPLEMENTARY BIBLIOGRAPHY READINGS AND
THE MASTERY OF SCIENTIFIC METHODOLOGY:
Impacts on Undergraduate Studies
– an exploratory analysis based on teachers'
perceptions**

The objective is to present aspects of the results from an exploratory, qualitative study based on empirical data, primarily gathered through semi-structured interviews with higher education faculty members. These interviews focused on the completion of basic and/or complementary readings assigned in courses by undergraduate students. The participants included 19 higher education faculty members from various institutions – private and public, state and federal; Bachelor's and Licentiate degree programs; fields of knowledge – Biological, Exact, and Humanities; and regions across different states of Brazil. The study emphasizes the views of participants who establish direct or indirect connections between the completion of these readings and mastery of the basic principles of scientific methodology at the undergraduate level. Results highlight diverse opinions among participants regarding the readings. Most view the readings as one of the main elements and also one of the primary challenges of undergraduate programs. A recurring point raised by respondents is the failure of many students to

**INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E/OU
COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA:
impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir de percepções docentes**

Claudio Rodrigues da Silva

complete the readings, or their tendency to engage with them in a superficial or partial manner, which is deemed incompatible with higher education standards. Another highlighted issue is the insufficient mastery of scientific methodology, which undermines students' intellectual autonomy and critical thinking skills, even in relation to their ability to complete the readings. Among the study's conclusions, there are indications of reciprocal, direct or indirect correlations between the levels of mastery of scientific methodology and the completion of readings by undergraduates. There is both convergence and divergence in the perspectives of the respondents. The findings suggest that the pedagogical challenges related to readings in higher education are likely to intensify, underscoring the need to address this issue, particularly because these readings have direct and indirect impacts on the quality of education.

Keywords: Academic readings; scientific methodology; higher education.

1. INTRODUÇÃO

Abordam-se, neste texto, aspectos da questão da realização das leituras das bibliografias básicas e/ou complementares dos respectivos cursos por graduandos e do domínio dos princípios básicos da metodologia científica em nível de Graduação, aventando-se, consoante com dados levantados, a possibilidade de existência de nexos e impactos mútuos entre esses dois quesitos para a formação no Ensino Superior. Doravante os assuntos relacionados às leituras são apresentados, também, conforme a pertinência, apenas como leituras, questão das leituras ou problemática das leituras; já os assuntos atinentes à metodologia científica serão mencionados apenas como metodologia, questão da metodologia ou problemática da metodologia.

Além da introdução, este artigo está estruturado em três partes. A primeira parte apresenta uma introdução, com vistas a uma breve contextualização do objeto em discussão. Na segunda parte, intitulada percepções de docentes acerca da inter-relação entre as leituras e a metodologia científica, são apresentados aspectos dos dados empíricos, cujos principais aspectos são discutidos à luz de bibliografias atinentes. Já na terceira parte são apresentados apontamentos a título de considerações finais.

A leitura – em acepção ampliada desse termo –, implica variadas concepções, configurando-se como um fenômeno social complexo e dinâmico, que envolve diversos fatores, em alguma medida imbricados entre si, variando segundo os momentos históricos, as sociedades, os sujeitos – individuais e/ou coletivos – e as circunstâncias envolvidas, considerando-se inclusive aspectos políticos, econômicos e culturais, nas esferas micro e macrossocial, em âmbitos local e global (Chartier, 2014, Fischer, 2006, Silva, 2011, Vallejo, 2021).

INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E/OU COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA: impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir de percepções docentes

Claudio Rodrigues da Silva

Ademais e articuladamente com esses fatores, há que se considerar outro, qual seja, as tecnologias digitais de informação e comunicação – doravante mencionadas como tecnologias –, que têm gerado diversas discussões, tanto interna quanto externamente aos ambientes acadêmico-científicos, e gera diversas polêmicas e posicionamentos, pautados em argumentações de variadas ordens (Desmurget, 2021, Leal *et al*, 2024, Silva, 2022).

A realização das leituras configura-se como um dos principais componentes do currículo no Ensino Superior, especialmente em se tratando de determinados cursos, como, por exemplo, das Humanidades, baseados eminentemente em bibliografias e documentos (Silva, 2021, 2022).

No âmbito acadêmico-científico, a questão das leituras é estudada a partir de vários objetivos e delimitações, dentre elas, temáticas, territoriais, temporais, teórico-metodológicas, níveis de ensino, entre outras (Leal; Silva, 2022, Mortatti, 2016, Silva, 2024).

As leituras acadêmico-científicas são necessárias por várias razões, principalmente para a apropriação de conhecimentos específicos dos respectivos cursos. Além disso, nas Licenciaturas, elas são cruciais, pois têm impactos, diretos e indiretos, potenciais e efetivos, sobre todos os níveis de ensino (Leal *et al*, 2024, Silva, 2022).

Enfatiza-se, neste texto, a problemática das leituras, tendo como principal ponto de partida apontamentos de docentes do Ensino Superior que alegam que um contingente de estudantes não realiza essas leituras ou, então, não faz adequadamente essa atividade, consoante com o nível Superior (Silva, 2021, 2022).

Silva (2018, p. 50-51) em pesquisa sobre as leituras, que teve como sujeitos estudantes de Graduação, aponta que:

[...] 7 % dos estudantes informaram que leem todos os textos das bibliografias básicas; outra parte, também 7 %, informou que lê poucos textos; [...] 41 % responderam que leem alguns; a maior parte, 43 %, respondeu que lê a maioria dos textos e 2 % não responderam». Constata-se, assim, que raros estudantes disseram que leem todos os textos. [...] ao serem [...] Questionados se efetuavam as leituras de todo o texto, uma grande parte dos estudantes, 46 %, assinalou a alternativa algumas vezes; já a maioria, 53 %, respondeu que sempre lê todo o texto; houve duas respostas nunca [...]. Constata-se que quase a metade dos estudantes afirmou que apenas em alguns casos lê todo o texto. [...] Ao serem perguntados sobre como consideravam suas leituras, a maioria dos estudantes, 73 %, assinalou a alternativa aprofundadas/reflexivas; 24 %, a alternativa apenas para dizer que leu [...]. Portanto, aproximadamente um quarto dos estudantes considerou que realiza leituras superficiais dos textos.

Esses dados corroboram a relevância e a pertinência de apontamentos de docentes do Ensino Superior sobre as leituras. Apresentam-se, a seguir, notas sobre

**INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E/OU
COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA:
impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir de percepções docentes**

Claudio Rodrigues da Silva

a questão da metodologia científica, em consonância com os objetivos deste trabalho.

Com base em entendimentos de Demo (1995) e Severino (2007), ressalta-se o caráter estratégico da metodologia científica para a formação em nível Superior.

Segundo Severino (2007, p. 45), “Dado o novo estilo de trabalho a ser inaugurado pela vida universitária, a assimilação de conteúdos já não pode mais ser feita de maneira passiva e mecânica como costuma ocorrer, muitas vezes, nos ciclos anteriores”, pois a “[...] aprendizagem, em nível universitário, só se realiza mediante o esforço individualizado e autônomo do aluno” (p. 38). Isso porque “O aprofundamento da vida científica passa a exigir do estudante uma postura de autoatividade didática que precisa ser crítica e rigorosa” (p. 39).

Moreira (2007, p. 39) ilustra a relevância da metodologia científica na área da Educação:

Um dos grandes desafios da pesquisa em educação esbarra no fato de cada ciência constituir-se de objetos, métodos, técnicas e instrumentos específicos de pesquisa científicas. Os problemas definidos e delimitados, revisão e referenciais teóricos reforçam a condição do pesquisador e das pesquisas decorrentes do problema da pesquisa e da opção metodológica. No processo da pesquisa, a forma como o tema e o problema são tratados pelo pesquisador determina o tipo de conhecimento resultante dos métodos aplicados e das análises dos dados realizadas. Métodos e técnica colaboram na definição dos tipos de conhecimentos empíricos, teológicos filosóficos e científicos.

Kodato (2012), em entrevista à Univesp TV, relata aspectos do problema que teve, ao executar pesquisa com a participação de docentes da Educação Básica, devido a lacunas no conhecimento da metodologia científica: “[...] a primeira dificuldade que nós tivemos foi que a hora que os professores começaram a desenvolver as pesquisas, nós percebemos que eles não entendem muito bem de pesquisa científica nem de método científico [...]”.

A metodologia científica é um componente crucial para a formação em nível de Graduação, pois propicia aportes imprescindíveis para a prática profissional pautada pela lógica científica. Por isso a necessidade de essas disciplinas não se resumirem ao ensino de determinadas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e/ou de regras institucionais sobre formatação trabalhos, principalmente de conclusão de curso (TCC). No caso de Licenciaturas, a metodologia científica fornece, também, elementos para análises mais abrangentes, complexas e aprofundadas, tais como, de fatores individuais, coletivos e institucionais, assim como da inter-relação entre a educação e a sociedade que a concebe, considerando-se as esferas política, econômica e cultural, nos âmbitos micro e macrossocial que, em alguma medida, afetam, direta ou indiretamente, o cotidiano escolar e, por conseguinte, a prática pedagógica. Assim, a metodologia científica contribui para evitar análises e/ou medidas não científicas ou pautadas pelo senso comum.

**INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E/OU
COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA:
impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir de percepções docentes**

Claudio Rodrigues da Silva

Portanto, a realização das leituras e o domínio da metodologia científica são dois quesitos imprescindíveis que, articulados entre si, apresentam alta potencialidade de contribuição para a formação dos graduandos, especialmente de Licenciaturas, devido à capacidade de ressonâncias, diretas e indiretas, desses cursos em todos os níveis da educação escolar brasileira.

Dessa forma, neste artigo, tem-se por objetivo apresentar aspectos dos resultados de estudo realizado com docentes do Ensino Superior sobre a problemática das leituras dos respectivos cursos por graduandos. Todavia, enfatizam-se elementos de posicionamentos de participantes que, direta ou indiretamente, estabelecem nexos entre a realização das leituras e o domínio da metodologia científica. Priorizou-se a apresentação literal desses posicionamentos pelo fato de eles serem o principal diferencial deste trabalho.

Trata-se de estudo exploratório, de abordagem qualitativa, resultante de dados bibliográficos, documentais e empíricos, coletados entre 2014 e 2019, principalmente por intermédio de entrevistas semiestruturadas (Demo, 1995, Severino, 2007), com o consentimento verbal dos participantes. Como ponto de partida para as entrevistas foi uma sucinta apresentação de dados empíricos e bibliográficos acerca da questão das leituras no Ensino Superior, que serviram de preâmbulo para a pergunta estruturante, qual seja, o ponto de vista dos entrevistados sobre essa temática. Documentos federais brasileiros e bibliografias atinentes às temáticas abordadas subsidiaram essas análises. Os participantes são 19 docentes do Ensino Superior de variadas: a) instituições – privadas e públicas, estaduais e federais; b) cursos de Bacharelado e Licenciatura; c) áreas do conhecimento – Biológicas, Exatas e Humanidades; d) regiões e Unidades da Federação. Devido ao compromisso de anonimato e sigilo assumido com os participantes, os seus nomes foram substituídos por letras e números, por exemplo, Prof. A1. Alguns nomes citados foram substituídos por xxx ou suprimidos, em especial quando se considerou que envolveriam riscos de exposição negativa desses sujeitos.

Além de questões pontuais manifestadas nas entrevistas, há posicionamentos que apresentam assuntos comuns e/ou pontos de confluência entre eles. Opta-se por não estabelecer um agrupamento rígido com base nisso, especialmente para disponibilizar, na medida do possível, de forma orgânica e literal, os principais aspectos de cada posicionamento, em consonância com objetivo deste texto. Vários assuntos pontuados pelos participantes são instigantes e profícuos, porém, a problematização de todos os elementos é inviável, principalmente devido ao objetivo, à configuração e ao limite deste texto, o que inviabiliza também a aplicação de critérios estatísticos e detalhes precisos, em termos de números absolutos ou relativos.

2. PERCEPÇÕES DE DOCENTES ACERCA DA INTER-RELAÇÃO ENTRE AS LEITURAS E A METODOLOGIA CIENTÍFICA

Os participantes deste estudo sustentam variados pontos de vista sobre as leituras, apresentadas, por diversos deles, como um dos principais componentes e, ao mesmo tempo, um dos principais desafios para determinados cursos de Graduação na atualidade. Considerando-se dados apresentados por Silva (2018, 2021, 2022), esses desafios tendem a se intensificar, principalmente em se tratando de certos cursos, instituições, perfis de discentes, entre outros fatores. Há que se considerar, ainda, as crescentes discussões acerca dos impactos das tecnologias, em especial a denominada inteligência artificial, na questão das leituras (Sayad, 2022).

Os sujeitos deste estudo, em seus posicionamentos – assim como participantes de estudos realizados por Silva (2021, 2022) –, tratam de vários temas, não raramente, de forma direta ou indireta, inter-relacionados entre si. Todavia, alguns estabelecem nexos entre a realização das leituras e o domínio da metodologia científica, ambos considerados fundamentais para a formação acadêmica mais consistente dos graduandos.

Os docentes A1 e B2 destacam a imprescindibilidade da realização das leituras no Ensino Superior. e apontam problemas decorrentes da não realização e/ou das leituras superficiais/parciais, bem como dos insuficientes níveis de domínio da metodologia científica.

O Prof. A1 ressalta a imprescindibilidade das leituras, em termos quantitativos e qualitativos, dimensões essas, a rigor, indissociáveis para as finalidades do Ensino Superior:

[...] Na nossa sociedade, na Educação Superior, a leitura é [...] imprescindível. [...] uma pessoa que não lê, gostando ou não, não pode, não deve estar na Universidade [...] a Universidade não é curso pseudo técnico [...]. Não, a Universidade é local para formar gente que pense, em nível Superior, não de repasses de receitinhas [...]. [...] a ignorância do grosso dos nossos estudantes é tamanha, que nem perceberem a própria ignorância eles conseguem. Paradoxal, não? Sim, uma coisa é a ignorância como fase, porque todos nascemos ignorantes, outra coisa é a ignorância deliberada, ou seja, o indivíduo é avisado que precisa estudar, tem os livros à sua disposição, mas não estuda. Universidade é ensino, pesquisa e extensão, não milagre. Eu sou colaborador da Pós[-Graduação] e adivinha uma de minhas disciplinas? Metodologia científica. Eu vejo chegar cada projeto [...]. Agora eu chego ao ponto que você quer, as leituras. Não tem outro jeito, tem que ler. [...] digo pra eles: como vocês querem ser professores, se não leem? E veja que não estou falando de gostar de ler, se gosta ou não, são outros quinhentos, é necessário ler. Mas não é só quantidade, não é só passar os olhos. É questão de saber ler, leitura [...] com qualidade [...]. (Prof. A1)

O Prof. B2 apresenta pontos de confluência com o Prof. A1, por exemplo, no

**INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E/OU
COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA:
impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir de percepções docentes**

Claudio Rodrigues da Silva

que se refere à importância das leituras, e apresenta argumentos que remetem à inter-relação mútua entre diferentes níveis de ensino:

[...] lê ou não lê? Depende muito. Não vou te dizer que a maioria não lê, mas posso te afirmar que quem lê de verdade é a raridade. [...] como tu explica isso? [...] É tanta coisa junta [...] que a coisa vai mal, não há dúvida. [...] Eu estou fazendo o possível para sair [da disciplina] do TCC, porque não dá mais. Tem cabimento pessoas do 4º ano não saberem fazer um fichamento nos moldes da metodologia [científica]? Não saberem o básico do que é metodologia da pesquisa, até da mais simples, exemplo, bibliográfica? [...] isso tem a ver com a gente, professores. [...] O despreparo docente reflete no despreparo do aluno, do orientando, inclusive de aprender a ler corretamente textos científicos [...]. Então, a gente vai vendo como um detalhe se liga ao outro e a outro, e é óbvio que muito disso tudo tem a ver com a falta de leituras ou com a conhecida prática, na melhor das hipóteses, da 'dar uma passada de olhos', que muitos alunos chamam de 'leitura' [...]. (Prof. B2)

A necessidade das leituras é sustentada por todos os participantes, já os níveis de relevância a elas atribuídos variam, a depender, dentre outros fatores, dos componentes curriculares, disciplinas e/ou cursos. No caso de determinados cursos da área das Humanidades, alguns professores apresentam as leituras como uma espécie de *laboratório das Ciências Humanas*, o que indica o seu caráter estratégico para a formação. A ignorância e/ou os níveis insuficientes de domínio da metodologia científica também são apontadas por outros participantes. É recorrente, também, o apontamento de que um contingente de estudantes não lê as bibliografias e/ou não o faz adequadamente. No caso dessas leituras, há que se considerar as inter-relações entre quantidade e qualidade (Silva, 2021, 2022).

Há estudantes que adotam diversas estratégias para *substituir* as leituras ou atenuar os problemas resultantes da sua não realização (Silva, 2018). Isso remete a concepções, tipos ou níveis de leituras. Considerando-se apontamentos de Demo (1995) e Severino (2007), essa prática é incompatível com a dinâmica demandada para o Ensino Superior.

Dos posicionamentos dos professores C3 e S19, articuladas com a problemática das leituras, destacam-se as menções à ética e à cidadania.

O Prof. C3, além de ressaltar a importância e os desafios do ensino da metodologia científica, faz menção ao comércio de trabalho acadêmicos e outras práticas questionáveis em diversos sentidos, inclusive nas leituras:

[...] Um dos pontos mais frágeis dos trabalhos dos alunos é a metodologia. Eu sempre digo para os alunos: não tem mágica [...], tem que estudar e praticar, [...] ler e se esforçar, entender. Mas, quem quer pagar o preço do aprendizado [...]? Pouquíssimos. Aí entram em cena os 'fazedores' de trabalho. [...] Mas, geralmente, quem vai para as falcatruas? Os estudantes que não estudam, que não leem, que não se esforçam. [...] Para você ver,

INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E/OU COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA: impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir de percepções docentes

Claudio Rodrigues da Silva

desde o primeiro dia de aula, eu informo que eu sou dedicação exclusiva, que basta me escrever para agendar atendimento pessoal. Me pergunta quantas pessoas já me pediram agendamento? Dá para contar nos dedos de uma mão. O PET [Programa de Ensino Tutorial] e os monitores estão aí. Quem procura? Um, dois [estudantes], um dia antes da prova. [...] Há quantos anos eu dou aula de metodologia? Eu conheço bem a conversa desses estudantes: 'a matéria é chata', 'não me serve para nada', que 'não quer ser pesquisador, seguir carreira acadêmica' etc. [...] Não sei se isso ajuda você, mas escuta isso. Na metodologia [científica], a quantidade de leitura é densa e o assunto também, mas, na Estatística, são poucas leituras, porque o forte são os exercícios práticos, a aplicação das fórmulas etc. [...] mas, o que eu noto? Que são os mesmos estudantes que se destacam em metodologia que se destacam em Estatística, com uma ou outra exceção, os que vão mal na metodologia também vão mal em Estatística. Seria por causa da leitura? Ou seriam outras variáveis? (Prof. C3)

O Prof. S19 associa problemas de leituras a características atribuídas às novas gerações, socializadas na lógica do imediatismo e da superficialidade, recorrente na atualidade, e aventa a tendência de impactos disso nas dimensões da ética e da cidadania:

[...] Essas novas gerações chegam cada vez mais 'formatadas' na lógica das redes sociais, da visibilidade, da facilidade, da superficialidade, da competição, do carreirismo, da falta de limites em todos os sentidos. [...] Isso vai se refletir em tudo, tudo mesmo, na vida pessoal e na vida acadêmica, no ler, no não ler, no como ler e também no escrever, e a era digital tem a ver com isso. Mas você vai ter problemas de ética também. [...] É padrão fast food. Muitos não já não leem, alguns só leem os slides e os roteiros de aulas que os professores postam no AVA, é óbvio que a formação é frouxa, bastante fraca. [...] Claro que isso tem efeito dominó, quando o conteúdo é fraco [...]. Um dos grandes buracos formativos é na parte metodológica, nos fundamentos científicos. Eles já chegam sem a base mínima do Ensino Básico, Médio. [...] Isso escancara lá no TCC. [...] No fim, você vai ter problemas de cidadania, de ética. Eles acham que é uma anarquia, qualquer coisa está valendo na universidade, porque é assim na vida deles lá fora. [...] Um exemplo: na disciplina de xxx, enquanto atividade final eu pedi um trabalho escrito individual [...]. Na correção, tinha dois trabalhos idênticos, só mudava o nome do 'autor' [...]. Chamei separadamente os estudantes 'autores' para conversar. [...] Conclusão: era um trabalho feito para a disciplina xxx, do ano anterior, um trabalho feito em cinco pessoas. Daí, nesse ano, duas pessoas resolveram entregar o mesmíssimo trabalho, como se fosse um trabalho individual, ou seja, de autoria de cada uma delas [...]. Há informações de alunos que vendem e compram trabalho dentro do próprio curso, mas legalmente você não tem como fazer nada, porque é escondido [...]. Percebe que o nível está baixo em todos os sentidos, desde as habilidades socioemocionais entre eles até conhecimento, moralidade, autonomia, ética, tudo. Agora, você tenta imaginar que tipo de profissionais teremos no mercado [...]. (Prof. S19)

O Prof. C3, além de mencionar a metodologia científica, cita atitudes discentes ética e pedagogicamente questionáveis. Destaca-se desse posicionamento a alegação de alguns estudantes de que não pretendem seguir a carreira acadêmica,

**INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E/OU
COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA:
impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir de percepções docentes**

Claudio Rodrigues da Silva

para refutarem a necessidade de cursarem certas disciplinas ou estudarem determinados assuntos. Com base no contexto e em outros dados (Silva, 2018, 2021), essa expressão pode ser *traduzida* da seguinte forma: serão *apenas* professores da Educação Básica. Segundo Demo (2011), na educação escolar, para ter o que ensinar, o professor precisa investigar, o que remete à tese da pesquisa como princípio educativo. Trata-se, portanto, de uma postura equivocada, já que a profissão docente, independentemente do nível de ensino, requer repertórios de conhecimentos abrangentes e aprofundados, especialmente em tempos de ênfase na interdisciplinaridade. Além disso, reitera-se a necessidade de a área da Educação pautar-se, articuladamente, pela interseccionalidade, pela intersetorialidade e pela interculturalidade, o que torna a profissão docente ainda mais complexa e desafiadora.

Apontamentos diretos ou indiretos sobre ética, cidadania e seus desdobramentos estão presentes em posicionamentos de outros professores (Silva, 2021, 2022). Isso coloca em tela a necessidade de esses temas permearem inclusive disciplinas apresentadas como estritamente técnicas. Aliás, ética e cidadania imprescindíveis para a formação docente (Bataglia, 2023). Para Ferrarezi Junior (2007, p. 84),

A ausência de balizas morais e éticas consistentes e a tola esperança de que tal ausência pudesse ser suprida com altas doses de conhecimento técnico têm custado caro à academia, não apenas figurativamente falando, mas materialmente também. E, se custa caro à academia, e à elite intelectual que a compõe, custa caro à humanidade.

Assim como o Prof. S19, vários participantes atribuem características negativas às “novas gerações”, como se isso fosse natural ou inerente a esses segmentos. Considera-se pertinente a devida cautela em relação a determinadas assertivas ou generalizações, não raramente resultantes de preconceitos ou de reprodução acrítica de algumas categorias, tais como, “geração nem nem”, “nativos digitais”, “geração y”, “geração milênio”, “geração alfa” e as características a elas atribuídas, inclusive porque, considerando-se dados de Miguel *et al* (2024) e Minto (2023), as categorias analíticas não são neutras e têm implicações teórico-práticas no cotidiano escolar. No cotidiano docente encontram-se, por um lado, fraudes – tentadas ou consumadas – de vários tipos, desde as triviais colas até avaliações e TCCs total ou majoritariamente resultantes de plágios. Por outro lado, registram-se casos, por exemplo, de estudante que procura o docente para informar que não foi computada uma falta no seu registro de frequência, que a nota registrada no sistema eletrônico é superior à que consta no instrumento avaliativo impresso, dentre outros numerosos procedimentos e atitudes cotidianas que indicam níveis excepcionais de honestidade e autonomia no âmbito acadêmico. Episódios como esses desautorizam generalizações e determinismos como os mencionados, que tendem a depreciar as novas gerações, o que se configura como etarismo.

Os assuntos pontuados pelo Prof.C3 remetem, também, à preterição da teoria por diversos estudantes que, em alguns casos, resvalam ou incorrem na dicotomia

**INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E/OU
COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA:
impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir de percepções docentes**

Claudio Rodrigues da Silva

entre teoria e prática. A relação entre essas duas dimensões, como se pode depreender de Pimenta (2012), permeia, há décadas, debates sobre a educação escolar no Brasil. Exemplificam isso, no tempo presente, disputas relacionadas à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e à Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-F). Demo (1995, 2011) alerta sobre a necessária articulação entre a teoria e a prática, para se evitar tanto o praticismo quanto o teorismo.

A comercialização de trabalhos acadêmicos, mencionada pelos Profs. C3 e S19, envolve diversos fatores e sujeitos e, assim como o plágio e outros tipos de fraudes, extrapola os âmbitos pedagógico e/ou ético, envolvendo inclusive implicações legais¹.

Arantes (2021), em produção audiovisual, ao explicar a configuração de trabalho de conclusão requerido em um dos seus cursos, faz menção à prática de “compra e venda de trabalhos acadêmicos” e diz o seguinte: “[...] porque o trabalho de conclusão de curso e artigo têm as pessoas que escrevem e as pessoas que pagam pra escrever [...]”. Patto (2015), em conferência proferida na II Semana de Psicologia e Educação da Universidade de São Paulo, diz que:

[...] Eu voltei a dar aula agora, no segundo semestre de 2013, na Pós e tive uma decepção muito grande, porque eu acho que a Pós está completamente burocratizada. [...] Então, os alunos queriam crédito. Não leram nada do que eu prescrevi, nas aulas ficavam mudos e entregaram trabalhos inaceitáveis no final do curso. [...] Os trabalhos eram trabalhos inclusive que já tinham [sido] entregues para outros professores, que não tinham nada a ver com o tema do curso [...] [Para ver] a que ponto a coisa chega [...].

Destaca-se, ainda, que os desafios éticos e pedagógicos decorrentes dos variados usos das tecnologias ampliam-se na atualidade, devido à multiplicação e à complexificação de *softwares*, *hardwares* e outros recursos que afetam o cotidiano das instituições de Ensino Superior. As potencialidades, os limites e as contradições das tecnologias, em especial da dita inteligência artificial (Sayad, 2022), têm gerado diversas discussões no âmbito acadêmico-científico, principalmente no que se refere à efetiva autoria dos trabalhos acadêmicos. Considerando-se dados, por exemplo, de Costa e Diacópulos (2022), Nunes e Bezerra Neto (2023) e Minto (2023), ressalta-se que o contexto do ensino remoto emergencial, durante a pandemia da Covid-19, contribuiu para demonstrar várias implicações contraditórias das tecnologias.

O Prof. D4 questiona as posturas de estudantes no que tange à imbricação entre ciência e ideologia. Ele entende que isso tem relações com as leituras:

¹ Para exemplificar, sugere-se efetuar busca na internet com termos, tais como, compra e venda de trabalhos acadêmicos.

INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E/OU COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA: impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir de percepções docentes

Claudio Rodrigues da Silva

[...] é um assunto atual, mas não é novo [...] Na minha época de estudante, era uma espécie de tradição ter uns estudantes 'vanguarda', que polemizavam, debatiam com docentes etc. [...]. Hoje, vendo boa parte desses estudantes que se dizem 'vanguarda', 'representantes', 'líderes de turma', os que se acham 'destaque' etc., eu não vejo nem resquício daquele tempo, é um despreparo teórico medonho, medíocre. [...] O que isso tem com a leitura? Ora, tudo! Uma das questões básicas da conversa deve ser não confundir ciência com ideologia, e isso vale para os de direita e os de esquerda. Será que eles leram o Löwy, o Demo, o Severino, Lakatos e companhia? Duvido. [...] fica evidente que esse pessoal fazem uma salada agriçoce sem saber, misturando de tudo, Furtado, Florestan, Saviani, Freire, Marx etc. [...] não me resta dúvida, é falta de estudo, ou seja, envolve a leitura. [...]. (Prof. D4)

A relação entre ciência e ideologia é um tema básico de disciplinas de metodologia científica com abordagens relativamente abrangentes e críticas, em especial na área das Humanidades, como se pode depreender, por exemplo, de Demo (1995) e Löwy (2017). É possível que o desconhecimento desse debate esteja relacionado inclusive com a problemática das leituras, que pode aumentar as chances de incorrência nesse tipo de equívoco. Moreira (2007, p. 47) entende que

O pesquisador em educação, formado em educação (pedagogia e licenciaturas da educação), ou ainda, aquele que ignora os referenciais teóricos, obras e implicações das ciências sociais, torna-se vulnerável nos debates e nas produções teóricas acerca da natureza humana e das relações sociais. É comum, e até necessária, a apropriação de conceitos, categorias, instrumentos, técnicas e métodos de pesquisa das ciências sociais pela educação engajada e não engajada.

Com base nos entendimentos dos autores mencionados, considera-se que, de uma perspectiva científica, o mínimo necessário é que os estudantes conheçam a existência dessas disputas, seus principais pressupostos e implicações.

Dos posicionamentos dos participantes I9 e G7, enfatiza-se o problema dos insuficientes níveis de proficiência em componentes curriculares da Educação Básica e/ou dos respectivos cursos de Graduação.

O Prof. I9 ressalta a questão das lacunas em termos de conhecimentos curriculares, não apenas no que se refere à língua portuguesa, mas também em Matemática, o que impacta o processo de ensino e aprendizagem:

[...] trabalho com algumas disciplinas que quase ninguém quer ensinar e menos ainda aprender, ainda mais na xxx. Exemplo, a Estatística. Se eu for tentar resolver todas as lacunas dos alunos, eu teria que voltar aos números naturais. E não é só com os que vieram [diretamente] do Ensino Médio, [...] é também com já professores da Educação Básica. [...] E muitos alunos não sabem o básico de metodologia [científica] e língua portuguesa para nível universitário. [...] E o que isso tem a ver com leituras? Tem, porque a pobreza

INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E/OU COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA: impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir de percepções docentes

Claudio Rodrigues da Silva

linguística, a pobreza cognitiva impede os alunos de entenderem enunciados simples, orais ou escritos. [...] veja outro problemão, nas aulas de metodologia [científica] o desempenho da maioria é preocupante, e isso impede [esses estudantes] de raciocinar cientificamente. [...]. (Prof. I9)

O Prof. G7 destaca o problema das leituras e ressalta a existência de estudantes que destoam da maioria nesse quesito. Ademais, esse professor coloca em xeque posicionamentos que defendem que a educação seja adequada aos patamares ou às demandas dos estudantes:

[...] A leitura está sofrida não é de hoje. Então, fazemos o quê? Passamos, como eu escuto em certas reuniões acadêmicas, a descer ao patamar dos alunos, considerar o nível dos alunos? Vou começar a dar aula na lógica dos alunos? [...] Mas, não são todos, é bom que se diga isso, temos alunos sérios, que leem até mesmo a [bibliografia] complementar, sem ninguém falar nada nem mandar. [...] Mas, veja, vou dar aula de Filosofia, no Ensino Superior, em curso de licenciatura, usando zap, emojis, emoticons, TikTok, 140 caracteres etc. e essas coisas da moda? Eu tenho vergonha, [...] para eu não usar outros termos aqui. Esses pseudo pedagogos vêm com esses discursinhos pseudo 'inclusivos', pseudo 'democráticos', pseudo 'científicos'. [...] Mas, o que eles estão fazendo, na realidade, é se omitindo da sua obrigação de ensinar e aleijando o desenvolvimento intelectual dos nossos alunos. [...]. (Prof. G7)

O insuficiente domínio de componentes curriculares necessários para o Ensino Superior é relatado por docentes de diferentes disciplinas, cursos e área. A Língua Portuguesa, como língua materna, de acordo com a norma padrão, é o componente que concentra a maior incidência de apontamentos sobre lacunas, pois, independentemente de cursos ou áreas, esse é um conhecimento imprescindível para as leituras e outras atividades. No entanto, professores relatam casos de estudantes cujos níveis de proficiência em leitura e escrita configuram-se como impeditivo para cursar certas disciplinas com o devido aproveitamento (Silva, 2021, 2022). Aliás, argumentos apresentados pelo Prof. G7 são passíveis de serem relacionados com o que aponta Saviani (2021) acerca da especificidade da educação escolar e da função precípua da escola.

Para Mortatti (2016, p. 2279), “A constatação mais urgente e necessária é a de que, depois de 11 anos de escolaridade, alunos professorandos que ensinarão a ler e escrever não sabem ler e produzir textos, nem podem ser considerados ‘proficientes’ [...]”. Essa autora ressalta, ainda, que problemas relativos à proficiência em Língua Portuguesa, como língua materna, não se restringem à Educação Básica ou à Graduação, mas afeta também “professores e pesquisadores”.

Além das lacunas referentes à Educação Básica, há, também, lacunas em conteúdos de disciplinas dos respectivos cursos que, mesmo não sendo assim denominadas, configuram-se como pré-requisito para o devido aproveitamento de outras disciplinas. Isso tende a impactar o desempenho de estudantes e/ou o andamento das disciplinas, já que, em determinados casos, professores informam que precisam adotar medidas de ‘nivelamento’, nem sempre plenamente exitosas para

**INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E/OU
COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA:
impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir de percepções docentes**

Claudio Rodrigues da Silva

todos os estudantes, e/ou reduzir, em termos qualitativos ou quantitativos, certos componentes curriculares de algumas disciplinas (Silva, 2021, 2022).

Ocorrem, em determinados casos, interseccionalidades entre lacunas em conhecimentos de diferentes disciplinas e áreas, o que torna ainda mais complexo o processo de ensino e aprendizagem, tanto para estudantes nessa situação, quanto para docentes que lecionam para esse segmento. Isso remete à inter-relação entre os níveis de ensino, inclusive porque determinados componentes curriculares da Educação Básica são requisitos imprescindíveis para o Ensino Superior. Apontamentos diretos ou indiretos nesse sentido são recorrentes em posicionamentos de outros professores e em bibliografias atinentes ou correlatas (Cardoso *et al*, 2021, Mortatti, 2016, Torres *et al*, 2022,).

O Prof. F6 faz menção ao desafio de ministrar a disciplina de metodologia científica para estudantes que não se interessam por ela, não obstante o seu esforço para tentar convencê-los da relevância desse assunto. Ele aponta, ainda, posturas incompatíveis com o Ensino Superior, em especial no que tange ao uso das tecnologias durante as aulas:

[...] trabalho nas três áreas, nos bacharelados e nas licenciaturas. [...] dei aula de metodologia do trabalho científico para todos os cursos. Não é fácil convencer os estudantes da [sobre a] importância da metodologia. E você pensa que não me esforço? Todo início de ano eu preparo uma atividade para isso, mas percebo que falo para, sendo muito otimista, uma meia dúzia de [uma turma de] quarenta. Me esforço, mas não tenho sucesso. A maioria quer os créditos, apenas. Geralmente quem dá bola pra essa disciplina é quem quer ir pro Mestrado, Doutorado, mas, uns cursos isso nem se coloca. [...] A questão é muito simples: tem que estudar metodologia do trabalho científico, que não é um assunto simples, muito pelo contrário [...] Mas, como a meninada não é muito de fazer esforço, de estudar, fica com aquela conversa de teoria pedagógica para questionar minha aula 'tradicional'. Tem que estudar e pronto. [...] quantos estudam? Muitos ficam no computador, no celular, retocando maquiagem. Em alguns cursos [...] tem gente que vende até lingerie, cosméticos e bijuterias durante as aulas, é mole? Isso é de uma tremenda falta de educação, coisa de berço mesmo, um tremendo nonsense para alunos universitários, além de desrespeito total com os professores [...]. Se não entendem os princípios básicos da metodologia científica, como esses alunos trabalham cientificamente com a educação? [...]. A disciplina é obrigatória e exige muitas leituras. Então, eu retorno ao meu ponto de partida: eles querem coisas fáceis, decorebas, modelinhos, e como sempre, me chamam de 'professor tradicional'. [...]. (Prof. F6)

Apontamentos acerca dos níveis de interesse ou de empenho e sobre o uso das tecnologias estão presentes em posicionamentos de outros docentes, que adotam várias posturas diante desses fatores. Em relação às tecnologias, alguns professores dizem que implementam diversificadas medidas – tanto em termos de estratégias metodológicas de ensino quanto de uso dessas tecnologias por estudantes durante as aulas –, variando desde a expressa e incondicional proibição até a sua incorporação às atividades cotidianas das respectivas disciplinas (Silva, 2021, 2022).

**INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E/OU
COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA:
impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir de percepções docentes**

Claudio Rodrigues da Silva

Na literatura acadêmico-científica encontram-se diferentes pontos de vista sobre esse tema (Costa; Diacópulus, 2022, Minto, 2023, Pinheiro; Justus, 2023).

As metodologias ativas são citadas por diversos pesquisados, entre eles, o Prof. R18, que as relaciona com as leituras, tecnologias e condições de trabalho:

[...] os pedagogos não gostam do que eu vou falar, mas é a verdade. Aluno bom vai bem de qualquer jeito, até sem aula, com metodologia tradicional, com metodologia ativa, com tecnologias ou sem, enfim. Mas a maioria não é assim, [...] dependendo da turma, às vezes a maioria não tem condição mínima para cursar algumas disciplinas, nem com milagre. [...] acho que a gente precisa sair do método tradicional e ir para o ativo, não por questão de moda, mas para colocar pra trabalhar esses alunos que não fazem nada, que ficam de boca aberta durante a aula, como se estivessem no pátio ou em casa. [...] Se o professor souber usar bem a metodologia ativa e criar um bom método de avaliação, esses alunos indolentes têm que se mexer. Metodologias ativas não é pra deixar o professor sem fazer nada. Ao contrário, [...] mas ela faz o aluno se tornar ativo. Daí, alguns ou se viram pra dar conta do recado ou vão ter que fazer outra coisa da vida. [...] Eu cobro ficha de leitura, faço chamada ou prova oral, faço perguntas surpresa sobre os textos, nota para presença e participação, avaliação individual, ponho trabalhos em grupos, porque aí é a ‘turma’ que vai cobrar resultado dos folgados, porque o desempenho deles afeta todo o grupo. A Psicologia nos dá várias técnicas pra isso. [...] Então, [...] não sei se todo mundo lê, mas eu acho que reduz essa indolência desses que pensam que o aprendizado é por osmose ou que não querem nada com nada. [...] Só que é assim, dá um trabalho danado pra gente, mas é o preço a pagar. [...]. (Prof. R18)

A temática das metodologias ativas tem galgado cada vez mais espaço, principalmente na área da Educação, é necessário interrogá-la rigorosamente em todas os seus aspectos, tais como, objetivos, pressupostos, princípios e promessas enunciadas, assim como a suas implicações teórico-práticas com os âmbitos micro e macrossocial.

O Prof. K11 ressalta, além do desinteresse, atitudes questionáveis de estudantes em relação ao empenho para o aprendizado dos conteúdos e aponta que um contingente de discentes não tem “consciência” da relevância desses conhecimentos para a formação profissional:

[...] Quando a pessoa quer ser bom profissional e tem consciência do nível de dificuldade para ingresso ou de complexidade da área, me parece que a tendência é de sugar tudo o que acontece em sala de aula. Já aquelas pessoas que as ambições são reduzidas, geralmente elas querem o mínimo possível, o feijão com arroz. E muitos nem isso querem, querem só o diploma, e aí [...] vale tudo, carreirismo, picaretagem etc. É uma pena, porque, nesses casos, imagina o sacrilégio para mim, [...] e para elas, o fato de terem que estudar, por exemplo, História da [sua] área, Filosofia, ética, metodologia científica e outras [...] Além de essas disciplinas não serem ‘atrativas’, elas são densas, têm muitas leituras e nem sempre as

INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E/OU COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA: impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir de percepções docentes

Claudio Rodrigues da Silva

bibliografias são de fácil leitura, muito pelo contrário, geralmente, complexas, difíceis, tem de sentar, de se esforçar, ter atenção, concentração, se empenhar. (Prof. K11)

Como se pode depreender de Silva (2018, 2021, 2022), são recorrentes menções a comportamentos inadequados de estudantes, pois, em tese, na Graduação, já deveriam estar em patamares de autonomia e responsabilidade necessários para o cumprimento das obrigações, a adoção de posturas adequadas aos diferentes momentos ou espaços institucionais e a convivência respeitosa intra e entre os segmentos da comunidade acadêmica.

A questão da “consciência”, mencionada pelo Prof. K11, pode ser discutida a partir de diversas abordagens. Ademais, envolve vários fatores e pode ter relações com diferentes tempos, temporalidades e critérios discentes, docentes e institucionais, não necessariamente confluentes entre si. Destaca-se, ainda, a existência de diferentes objetivos pessoais ou acadêmicos, expectativas e níveis de empenho dos variados perfis de estudantes em relação aos respectivos cursos (Leal; Silva, 2022, Silva, 2018, 2021).

O Prof. H8 diz que nivela as suas aulas “por cima”, porém, enfrenta desafios, inclusive devido ao insuficiente nível de proficiência em Língua Portuguesa, considerando-se a norma padrão, para o Ensino Superior:

[...] dou minhas aulas nivelando por cima. A educação tem que elevar, [e] não [se] rebaixar ao nível da massa [...] Universidade é [...] para estudar. Quer passar tempo? Vai para outro lugar. Por exemplo, minhas aulas têm Weber, Durkheim, Marx, Foucault, [Norbert] Elias etc. E é leitura direta, de primeira. E cai na prova. E não é questãozinha simples, não, é questão cabeluda, dissertativa. Se você vem fazer um curso de xxx e não consegue, mais ou menos, no mais tardar, até o início do 3º. ano letivo, ler ou dominar aspectos e conceitos principais dos clássicos, dominar princípios básicos da metodologia científica, da metodologia de xxx, então, não dá, tem que se virar [...] E tem aluno nosso que não tem competências básicas para leitura, nem mesmo para aquelas literaturas mais simples [...]. (Prof. H8)

Vários docentes defendem posturas análogas à do Prof. H8, alegando inclusive preocupações com a qualidade dos cursos e o compromisso com a sociedade (Silva, 2021, 2022). Por um lado, isso remete discussões sobre o elitismo e a seletividade que historicamente imperam no Ensino Superior; por outro lado, enseja menção sobre as adequações curriculares, abordada mais adiante.

Os participantes E5 e L12 defendem a adequação do ensino aos níveis de conhecimentos e/ou a outras especificidades dos estudantes.

O Prof. E5 defende, por exemplo, a implementação das metodologias ativas, das tecnologias digitais e de outros recursos com vistas à resolução do problema das leituras, que tem como uma das facetas a passividade discente:

Mas é óbvio que tem gente que não lê. [...] Sempre teve e sempre

INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E/OU COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA: impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir de percepções docentes

Claudio Rodrigues da Silva

terá. Achar que todo mundo vai ler é no mínimo viver numa bolha, numa utopia de Alice. [...] Nós, que somos educadores, temos que se virar nos trinta para resolver o problema e trazer o cliente para nossa lógica, de ver a importância dos estudos, porque o mercado vai cobrar deles isso. [...] Nós temos à disposição várias ferramentas para mudar esse *mindset* e influenciar no *insight* dos nossos alunos, usando as tecnologias de ponta, as metodologias ativas, as redes sociais, ou seja, precisamos ver o que o cliente precisa e nos adaptarmos à realidade verdadeira, e não ficar idealizando os alunos que queremos ter, que achamos ideal. [...] Eu vejo meus colegas hiper preocupados, se descabelando com as tecnologias, com os *control+c control+v* nos trabalhos, provas etc., mas, isso é absurdo. Nós temos que trazer a força dessas tecnologias para o nosso lado, nós temos que trazer os nossos alunos para o nosso lado; Como? Cada um tem que se virar, arrumar um jeito, está aí a sala invertida, as várias tecnologias, olha, é só inverter o jogo, tirar os alunos da passividade, tudo bem que eles são nossos clientes, mas nós temos o nosso quinhão de decisão também [...]. (Prof. E5)

O Prof. L12 defende mudanças em termos de didática, critica o excesso de exigências docentes e defende uma abordagem menos focada nos “conteúdos”:

[...] muitas vezes nós queremos cobrar demais os nossos alunos. [...] precisamos pensar sobre nossa relação com os alunos, sobre a nossa conduta [...] nós devemos reinventar nossa didática de leituras [...] Nós temos que cobrar menos e oferecer mais para nossos alunos. Mais oficinas, mais prática, mais conscientização, apoio psicológico, acolhimento sociopsicoemocional, acolhimento afetivo etc., porque é isso, os nossos alunos estão carentes não só de saberes acadêmicos, mas também de nosso afeto [...] Essa é a nossa missão nos tempos de hoje, essa é a diferença essencial entre professor e educador de verdade [...] e a universidade hoje é puro desafeto, técnica, fria [...]. (Prof. L12)

Apontamentos sobre o interesse ou o empenho e as lacunas mencionadas estão presentes nos posicionamentos de outros docentes, ensejando breve nota acerca da questão da adequação do ensino. Entre os assuntos que mais geram dissensos entre docentes pesquisados está a pertinência (ou não) de os professores levarem em consideração os perfis, cada vez mais diversificados, dos estudantes, quando do planejamento e da execução das disciplinas. Aliás, especialmente os apontamentos dos Profs. E5 e L12 remetem a discussões acerca dos impactos das redes, das tecnologias e da hiperconectividade na sociabilidade das novas gerações, inclusive no âmbito acadêmico (Desmurget, 2021, Haidt, 2024). Com muitas variações entre si, docentes pesquisados defendem um amplo espectro de posturas entre dois polos, isto é, desde a defesa incondicional das adequações até a refutação intransigente de qualquer tipo de flexibilização curricular (Silva, 2021, 2022).

A legislação federal (Brasil, 1996) assegura o direito de todos à educação escolar e garante direitos educacionais específicos a determinados segmentos da população, por exemplo, estudantes público-alvo da Educação Especial, povos do campo, indígenas e quilombolas. Bibliografias atinentes à Educação Inclusiva em acepções críticas também colocam em tela a necessidade de se considerar as singularidades socioeconômicas, étnico-culturais, biopsicossociais, acadêmicos,

**INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E/OU
COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA:
impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir de percepções docentes**

Claudio Rodrigues da Silva

dentre outras, dos estudantes, para além do que estipula a legislação federal (Candau, 2020, Miguel *et al*, 2024, Moraes; Silva, 2019, Norões; Santos, 2022). Há que se considerar, também, as interseccionalidades entre essas singularidades, visando assegurar a conclusão exitosa do processo de escolarização por todos os estudantes.

A questão das adequações curriculares envolve vários fatores, inviáveis de serem abordados neste trabalho. Porém, destacam-se duas situações diferenciadas, mas que podem, em determinadas circunstâncias, apresentar inter-relações entre si. Uma delas, como apontado, é a relacionada a lacunas em termos de conhecimentos que, em tese, são pré-requisitos para o ingresso no Ensino Superior. Outra situação é a necessidade de se efetuar de adequações visando promover a acessibilidade curricular ao público-alvo da Educação Especial, consoante com a legislação federal e os princípios da Educação Inclusiva crítica (Pletsch; Souza, 2021, Silva; Oliveira, 2022). De uma perspectiva pedagógica, articuladamente com as bibliografias que tratam das adequações visando atender às singularidades pedagógicas de segmentos específicos, a bibliografia sobre desenho universal para a aprendizagem propicia aportes teórico-práticos para tornar o ensino mais acessível a todos os estudantes (Vaz; Manjinski, 2023).

A literatura acadêmico-científica, em especial da Didática, da Psicologia da Educação, da Sociologia da Educação, da Educação Inclusiva e da Educação Especial, propicia subsídios para essa discussão, complexa e eivada de contradições. Porém, determinadas medidas ou posturas docentes ou institucionais podem reiterar a histórica seletividade que marca o sistema educacional brasileiro, principalmente no Ensino Superior, ou resultar num ensino empobrecido para as pessoas economicamente pobres, o que, por conseguinte, tende a implicar formas relativamente sutis de estratificações curriculares.

Há que se considerar, também, que a legislação federal atinente, com destaque para as Diretrizes Curriculares Nacionais de cursos de Graduação, documentos das instituições de Ensino Superior, especialmente os Projetos Político-Pedagógicos, estipulam os componentes curriculares necessários para a diplomação. Ao expedir o diploma, as instituições de Ensino Superior, atestam, com a chancela estatal, que o seu portador é apto para o exercício das prerrogativas legais. Portanto, a qualidade do ensino ofertado extrapola o âmbito individual, pois tem potencialidade de repercutir em diversas áreas da sociedade. Vários docentes fazem menção à necessidade de se considerar o compromisso social e a responsabilidade legal dos profissionais da educação e das instituições de ensino em relação ao cumprimento da legislação educacional e à qualidade da formação (Silva, 2021, 2022).

Os participantes J10 e N14 problematizam as leituras à luz de aspectos macrosociais. Para o Prof. J10, o problema das leituras envolve todos os níveis e tem relação com a qualidade do ensino. Entretanto, ele entende que se trata de uma questão que extrapola o âmbito das instituições de ensino:

INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E/OU COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA: impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir de percepções docentes

Claudio Rodrigues da Silva

[...] O problema que você coloca envolve toda a cadeia pedagógica, dos pensantes aos executores. [...] Nós temos [...] um contingente de pessoas com formação precária na Educação Básica e na Superior. [...] Não vou entrar na questão do analfabetismo stricto sensu, porque isso já é batido [...] Nós temos analfabetos científicos, que não sabem analisar cientificamente as políticas educacionais [...]. Às vezes, eu me pego pensando: como a coisa mudou, para pior, obviamente. No meu tempo de Graduação, nós tínhamos grupos de estudo autogestionários [...] É pra isso que é necessário ler os textos antes da aula. [...]. Hoje, o pessoal não lê, reclama dos professores, e o pior é que os pedagogos de plantão, anti-intelectualistas, culpabilizam só os professores e ainda dão razão para esses tipos de alunos, que não podem ser considerados nem mesmo estudantes, porque estudantes efetivamente querem estudar e estudam, mas, infelizmente isso não é a regra, concorda comigo? (Prof. J10)

O Prof. N14 reconhece o problema das leituras, mas ressalta também os perfis socioeconômicos dos estudantes, sem, no entanto, isentá-los da responsabilidade e da necessidade da realização das leituras:

[...] Nós não podemos colocar no mesmo saco alunos que são impossibilitados de ler, por trabalho e outras razões justificáveis. [...] Nós temos casos de alunos que têm dupla ou tripla jornada de trabalho [...]. Mas nós temos alunos que não leem porque não leem. Nós temos alunos bolsistas que ficam o dia todo por aí e vêm para a aula sem ler os textos, isso é inadmissível, tem que cortar a bolsa de irresponsáveis. Eu já desliguei um bolsista assim, ficava mais na Atlética do que nas aulas. Agora, também não quero dizer que quem trabalha está isento de ler, porque ler faz parte da formação. [...] Mas, também é inconcebível o comportamento de alunos do 3º e 4º ano que não têm capacidade de captar a essência do texto, de forma acadêmica, de forma científica. Então, vem a questão: de que valeu as várias disciplinas de leitura e compreensão de textos científicos, de metodologia do trabalho científico, de metodologia da pesquisa em educação, dos seminários de pesquisa de TCC etc.? Não valeram de nada? É claro que valeram, mas, valeram para quem? [...] Para aqueles que estudam, que valorizam a Universidade pública. Eu tenho uma orientanda, do 2º ano, excelente. Ela tem um nível de compreensão de textos superior ao de muitos do 4º ano e até de 'professores já formados', 'cheios das experiências', 'especialistas', que estão aqui cursando a segunda ou a terceira graduação. Mas por que isso? Porque ela lê, ou melhor, ela estuda. [...] vamos relativizar, não vamos jogar a criança com a água do banho fora [...]. (Prof. N14)

Saviani (2021) destaca a vinculação necessária entre as concepções hegemônicas de educação escolar e as configurações políticas, econômicas e culturais da sociedade que a concebe, argumento que contribui para reiterar o caráter complexo da educação escolar. Para Silva (2022), compreender isso é fundamental para se evitar análises e medidas reducionistas ou voluntaristas, com foco apenas na dimensão individual, o que tende a resultar na (auto)responsabilização, de maneira articulada ou não, única ou preponderantemente de docentes e/ou discentes. No entanto, determinadas medidas pontuais ou individuais são pertinentes e, não raramente, necessárias, diante do cenário atual de crescente precarização da

**INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E/OU
COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA:
impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir de percepções docentes**

Claudio Rodrigues da Silva

educação pública e outros problemas sociais que afetam o país. No entanto, essas saídas emergenciais tendem a apresentar limitações.

Os posicionamentos dos participantes M13 e O15 ensejam, de forma direta, menção à da formação de professores. O Prof. M13 cita lacunas em metodologia científica inclusive entre docentes, o que tende a repercutir na formação discente:

[...] o problema de leitura existe, sempre existiu, desde que me entendo como gente acadêmica. [...] o problema da leitura não é só dos alunos, é dos professores também. Exemplo, professores que não sabem ler cientificamente. O que você espera dos alunos desses professores? [...] o que ocorre é que muitos professores não estudam ou não estudaram metodologia científica [...] Isso, sem dúvida, reflete na leitura, na compreensão dos textos. Lógico que isso se reflete nas aulas, é inevitável. Os alunos, obviamente, são afetados por isso. [...]. (Prof. M13)

Silva (2022) ressalta que isso é apontado também por outros docentes, que conjecturam sobre impactos recíprocos entre a Graduação e a Pós-Graduação. Reiteram-se as discussões sobre a inter-relação necessária entre os níveis de ensino no Brasil (Leal; Silva, 2022, Mortatti, 2016).

O Prof. O15 estabelece relações com aspectos das políticas educacionais, enfatizando a formação docente, porém, de uma perspectiva macrossocial:

[...] você está anacrônico. A sua pergunta já não faz sentido. [...] Você pensa em 'formação consistente', leitura, pesquisa etc., mas, veja, a BNC-Formação, [...] que professor quer 'formar'? Professor pesquisador, como previsto no PPP do curso? Claro que não. Quer um professorzinho qualquer, [...] daqueles bem meia boca, mequetrefe, um mero executor. [...] Então, para que disciplinas voltadas à pesquisa, como metodologia do trabalho científico, Filosofia da Educação, Sociologia, História da Educação etc.? O perfil desejado pela BNC-F é um aplicador do que está no grande manualzão chamado BNCC. [...] muitos alunos nossos e professores também abraçam essa ideia, sem saber o que ela significa. [...]. (Prof. O15)

A atual conjuntura brasileira, em especial após o golpe parlamentar de 2016, é marcada por iniciativas de setores mais conservadores ou reacionários, que promovem a depreciação ou o negacionismo dos conhecimentos científicos, a defesa da pretensa neutralidade da escola e dos currículos escolares, bem como a intensificação das políticas neoliberais, o que reverbera em toda a educação escolar e, por conseguinte, na formação docente, como se pode depreender, por exemplo, de Loureiro *et al* (2022), Minto (2023) e Resende *et al* (2021).

Os apontamentos dos professores P16 e Q17, apresentados a seguir, são tomados como motes para, sem desconsiderar as numerosas e complexas condições adversas envolvidas, uma espécie de convite para a busca de alternativas e implementação de iniciativas de resistência e protagonismo dos segmentos docente e discente, sujeitos centrais do processo de ensino e aprendizagem.

**INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E/OU
COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA:
impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir de percepções docentes**

Claudio Rodrigues da Silva

O Prof. P16 defende, entre outras medidas, o protagonismo docente diante dos desafios das leituras, que são imbricados com outros aspectos da educação, que envolve fatores sociais mais amplos:

[...] a gente tem de tudo um pouco. Tem quem não lê e tem raiva de quem lê. Mas, isso não é exclusividade da nossa Universidade. [...] Mas tem também quem lê, e lê muito. Eu tenho um orientando que lê a [bibliografia] básica e a complementar e busca textos das referências dos textos lidos, mas isso é um santo milagre laico [...]. [...] O grande desafio nosso, enquanto professores universitários, está na forma como gestionamos esses desafios, que é entender as diferentes realidades de cada estudante. [...] Claro que não vamos dar conta de tudo, mas, antes de jogarmos a toalha, precisamos esgotar as possibilidades. A nossa grande questão é como esgotar essas possibilidades sem nos esgotarmos, porque tem hora que me bate o autoquestionamento, o desânimo [...] Há também aqueles alunos que te fazem sentir que a profissão vale a pena. [...] não tenho resposta para o que você pergunta, [...] mas, acho que precisamos ter paciência, apostar tudo e mais um pouco nos estudantes, principalmente nos que mais precisam. [...] Mas, [...] isso é fácil? É claro que não. [...] Pra vocês, jovens doutores, que vão ou já estão assumindo o bastão, a minha sugestão é: tentem se espelhar nos melhores professores e professoras que vocês tiveram e tentem se melhorar sempre, estudando, óbvio. (Prof. P16)

O Prof. Q17 também defende esse protagonismo, porém, coloca em tela as condições de trabalho docente, quesito que tem relações com a qualidade da educação:

[...] Não dá pra [...] dizer que tudo só piorou [...]. Lacunas? Todo mundo tem, seja de escola pública e também da privada [...]. O que nós precisamos é de condições de trabalho para 'pegar pela mão' esses alunos mais deficitários e ajudar na travessia do seu decurso acadêmico com qualidade, mas, com essa precarização toda, como a gente dá conta disso? [...]. (Prof. Q17)

Na atualidade, setores mais conservadores ou reacionários da sociedade brasileira atribuem toda a responsabilidade pelos problemas da educação escolar aos docentes, mais especificamente aos da escola pública. Entretanto, como pontuado, na relação de ensino e aprendizagem em contextos escolares são demandados de todas as partes envolvidas a intencionalidade e o protagonismo e, por conseguinte, as ações necessárias para o êxito nesse processo, especialmente no Ensino Superior, cuja dinâmica requer patamares específicos de autoatividade e autodisciplina.

Entretanto, concomitantemente aos aspectos mais pontuais – individuais, corporativos e institucionais –, há que se considerar fatores macrossociais, entre eles, políticas de permanência estudantil e condições de trabalho docente, quesitos que envolvem, inevitavelmente, elementos que extrapolam as alçadas individuais de docentes e discentes. Ressaltam-se, na atualidade, a progressiva redução das políticas sociais e o agravamento acelerado da precarização das condições de trabalho docente, que impacta a qualidade da educação (Piovezan *et al*, 2023).

**INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E/OU
COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA:
impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir de percepções docentes**

Claudio Rodrigues da Silva

Reitera-se a pertinência de se considerar as relações orgânicas entre a concepção hegemônica de educação e as configurações da sociedade que a concebe. Dessa forma, no que se refere às lacunas relacionadas à Educação Básica, há que se colocar em evidência principalmente a responsabilidade do Estado brasileiro pela qualidade da educação escolar historicamente propiciada (ou não) para a ampla maioria das classes trabalhadoras, em especial para as frações mais precarizadas, como se pode depreender de Miguel *et al* (2024), Souza-Chaloba; Moraes (2022), Torres *et al* (2022).

Partindo da concepção de Demo (2011), a pesquisa configura-se como um princípio educativo, especialmente em se tratando de Licenciaturas. O espaço escolar e a profissão docente envolvem potencialmente a produção de conhecimentos pedagógicos. Considera-se, portanto, que o domínio da metodologia científica é um quesito-chave para a formação de professores pesquisadores, pautada pelos princípios científicos. Trata-se de um elemento basilar da Graduação que propicia parte dos alicerces da formação docente. Para isso, as leituras, observando-se os critérios quantitativos e qualitativos, configuram-se como um quesito imprescindível. Leal e Silva (2022) questionam a pertinência de, numa sociedade eminentemente pautada pela lógica grafocêntrica/alfabética, como o Brasil, o docente da educação escolar não ser leitor proficiente nos gêneros textuais relacionados com as respectivas áreas de formação e/ou atuação.

Para além dos impactos de ordem mais individual, lacunas em metodologia científica na educação escolar, em especial no âmbito da formação profissional, podem implicar inestimáveis desdobramentos, imediatos e mediatos, para o desenvolvimento humano, científico e tecnológico do país. Aliás, o desenvolvimento de mentalidades científicas é um processo que requer investimentos e ações intencionais e sistematizadas em todos os níveis e etapas da escolarização. Nicoletti (2011, p. 319) exemplifica essa *aposta* na ciência: “É hora da ciência brasileira assumir definitivamente um compromisso mais central perante toda a sociedade e oferecer o seu poder criativo e capacidade de inovação para erradicar a miséria, revolucionar a educação e construir uma sociedade justa e verdadeiramente inclusiva.”

Dos resultados deste estudo destaca-se que, da perspectiva de um contingente dos participantes, a ignorância ou os insuficientes níveis de domínio da metodologia científica têm – sem desconsiderar as especificidades de cada área, curso e/ou disciplina – relações inclusive com o problema das leituras, seja em decorrência da não realização e/ou da efetuação de forma superficial/parcial, seja pela incapacidade de compreensão das bibliografias, devido, dentre outras variáveis, às das lacunas relativas à Educação Básica e/ou ao respectivo curso de Graduação. Aliás, entre as razões alegadas por estudantes para explicar essas práticas está a “dificuldade para compreensão dos textos” (Silva, 2018, p. 51). Considera-se que há indicativos de ressonâncias recíprocas, diretas ou indiretas, entre esses dois fatores, contudo, são necessários estudos mais específicos e sistematizados para a análise desses nexos e seus desdobramentos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversos participantes deste estudo, ao discorrerem sobre a questão das leituras, estabelecem relações com variados fatores, tais como, o domínio da metodologia científica. Para uma parte deles, há impactos recíprocos entre a realização das leituras e o domínio da metodologia científica, o que tende a repercutir no nível de autonomia intelectual e de capacidade de crítica dos graduandos.

Dessa perspectiva, esses fatores, concomitantemente a outros, podem impactar a configuração da formação acadêmico-científica de graduandos que incorrem ou são afetados pelos problemas mencionados neste texto, o que tende a repercutir na proficiência em leituras e, por conseguinte, na apropriação crítica dos conteúdos, dentre eles, a metodologia científica. No caso de Licenciaturas, isso tende a afetar também o nível de compreensão e de criticidade em questões correlatas que envolvem a educação escolar, por exemplo, fatores individuais e coletivos, micro e macrossociais, dentre eles os nexos entre sociedade e educação, em âmbitos local, regional, nacional e transnacional.

Alguns participantes consideram pertinente a investigação da questão das leituras; outros, uma “perda de tempo”, já que entendem que se trata de uma espécie de aporia ou um problema individual de cada estudante. Principalmente por se tratar de um tema complexo e polêmico, considera-se necessário o empenho sinérgico dos discentes, dos profissionais da educação e das instituições, com vistas à busca de alternativas para além do (auto)silenciamento dos sujeitos envolvidos e das saídas de emergência individuais, que têm as suas potencialidades, mas também inegáveis limites. Este trabalho configura-se como uma singela contribuição para essa desafiadora temática, que demanda a ampliação e o aprofundamento de investigações em perspectivas interdisciplinares. Os cursos de formação docente, tanto no âmbito da Graduação quanto da Pós-Graduação, são espaços privilegiados para problematizações e buscas coletivas de alternativas sistematizadas e institucionais para a questão tratada neste artigo, pois há indicativos de que os desafios pedagógicos no Ensino Superior tendem a se intensificar, inclusive devido à crescente diversificação dos perfis dos ingressantes. Concomitantemente a esses fatores, há que se considerar a questão das tecnologias, devido a formas de uso pedagógica, ética e/ou legalmente questionáveis.

Assim, essa questão requer incisivo posicionamento das instituições de Ensino Superior, já que não se trata de um assunto somenos, ao invés, ela envolve, entre outros aspectos, a qualidade da educação e, por conseguinte, dos profissionais (a serem) formados. Entretanto, há que se considerar, também, que não se trata de um problema unicamente individual, de um ou outro segmento nem exclusivo da academia, mas uma questão da sociedade que, em última análise, não sem contradições e disputas, concebe as suas instituições e políticas educacionais.

Especialmente pelo caráter instigante e polêmico dos dados empíricos levantados e pelos vários limites deste artigo exploratório, reitera-se que vários elementos presentes nos depoimentos não foram problematizados e/ou demandam aprofundamento das análises, à luz de outros dados, delimitações e referenciais teórico-metodológicos.

Referências

- ARANTES, A. C. Q. **Aula 3: A trajetória do profissional de saúde paliativista - Campanha de CP da Casa do Cuidar.** ago. 2021. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RXiprLbUdkA&t=4850s>. Acesso em: 28 nov. 2023.
- BATAGLIA, P. U. R. A formação ética do educador. *In*: BERETA, T. A. D. S.; BATAGLIA, P. U. R. (org.). **Estudos sobre a formação ética na educação básica e no ensino superior.** Marília; São Paulo: Oficina Universitária; Cultura Acadêmica, 2023. p. 13-23.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394compilado.htm. Acesso em: 10 dez. 2023.
- CANDAU, V. M. F. Diferenças, educação intercultural e decolonialidade: temas insurgentes. **Espaço do Currículo**, João Pessoa, v.13, p. 678-686, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/54949/32178>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- CARDOSO, N. S. *et al.* O “ovo da serpente” na formação docente: as diretrizes paulistas como esteio da contrarreforma nacional. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 46, p. 9-34, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8913>. Acesso em: 27 jan. 2023.
- CHARTIER, R. Ler a leitura. *In*: MORTATTI, M. R. L.; FRADE, I. (org.): **História do ensino de leitura e escrita: métodos e materiais didáticos.** São Paulo: Editora Unesp; Marília: Oficina Universitária, 2014. p. 21-41.
- COSTA, M. A.; DIACÓPULOS, J. O Quilombo da Tia Eva na Web: ensino de História e educação antirracista. **História Hoje**, São Paulo, v. 11, p. 54-80, 2022. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/906/479>. Acesso em: 3 nov. 2023.
- DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais.** São Paulo: Atlas, 1995.
- DEMO, P. **Pesquisa: princípio científico e educativo.** São Paulo: Cortez, 2011.
- DESMURGET, M. **A fábrica de cretinos digitais: os perigos das telas para nossas crianças.** São Paulo: Vestígio, 2021.
- FERRAREZI JUNIOR, C. Moral e ética na Pós-Graduação. *In*: MOREIRA A. D. (org.). **Ética, educação, universidade, sociedade.** São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 83-107.
- FISCHER, S. R. **História da leitura.** São Paulo: Editora Unesp, 2006.

**INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E/OU
COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA:
impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir de percepções docentes**

Claudio Rodrigues da Silva

Haidt, J. **A geração ansiosa**: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

KODATO, S. **Entrevista**. In: Educação Brasileira 60 - Sérgio Kodato e Débora Cristina Jeffrey. 2012. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=S9z56ual0rI> Acesso em: 13 set. 2014.

LEAL, L. F. *et al.* A leitura literária e a formação de sujeitos leitores: reflexões sobre contribuições de eventos científicos. **Linha Mestra**, São Paulo, v. 18, n. 52, p.415-430, jan./abr. 2024. Disponível em:

<https://www.lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/1508/1268>. Acesso em: 22 jun. 2024.

LEAL, L. F.; SILVA, C. R. Desenredo de trajetórias que não têm fim. In: LEAL, L. F.; SILVA, C. R. (org.). **Leituras & leitores**: trajetos e trajetórias. Porto Alegre: Fi, 2022. p. 280-289.

LOUREIRO, B. R. C. *et al.* Contribuições de Antonio Gramsci e Florestan Fernandes para a análise do Escola Sem Partido. **Educação**, Santa Maria, v. 47, p. 1-31, 2022. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/download/64286/49009/339944>.

Acesso em: 13 mar. 2023

LÖWY, M. **Ideologias e ciências sociais**: elementos para uma análise marxista. 20. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

MORAES, A. I. D.; SILVA, C. R. Dá pra fazer - problematizações acerca de aspectos da temática trabalho e educação escolar para pessoas com diversidade funcional intelectual. **Aula**, Salamanca, v. 25, p. 209-221, 2019. Disponível em:

<https://revistas.usal.es/tres/index.php/0214-3402/article/view/aula201925209221>.

Acesso em: 10 dez. 2023.

MIGUEL, J. C. *et al.* Literatura literária em cursos de Pedagogia: cadê a EJA? **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 29, 2024.

MINTO, L. W. **O avesso das evidências**: pesquisa e política educacional em tempos de negacionismo. Marília: Lutas Anticapital, 2023.

MOREIRA A. D. Educação, universidade, sociedade: campo de atuação dos pesquisadores em educação. MOREIRA A. D. (org.). **Ética, educação, universidade, sociedade**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 39-49.

MORTATTI, M. R. L. Os órfãos do construtivismo. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 11, n. esp. 4, p. 2267-2286, 2016. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9193>. Acesso em: 16 jan. 2017.

NICOLELIS, M. Manifesto da Ciência Tropical: um novo paradigma para o uso

**INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E/OU
COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA:
impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir de percepções docentes**

Claudio Rodrigues da Silva

democrático da ciência como agente efetivo de transformação social e econômica no Brasil. **Estudos Universitários**, Recife, v. 27, n. 8, p. 319-327, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/estudosuniversitarios/article/view/256402/42659>. Acesso em: 14 jan. 2023.

NORÕES, K. C.; SANTOS, M. W. Breve ensaio sobre apatridia, infâncias inexistentes e o direito à educação no Brasil. *In*: NORÕES, K. C.; SANTOS, M. W.; SANTIAGO, F. (org.). **Crianças em deslocamentos**: infâncias, migração e refúgio. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 189-213.

NUNES, K. C. S.; BEZERRA NETO, L. Ensino remoto e a vulnerabilidade nas escolas públicas impactos evidenciados da pandemia no município de Ituiutaba/MG. **Org & Demo**, Marília, v. 24, p. 1-28, 2023. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/orgdemo/article/view/14139>. Acesso em: 3 nov. 2023.

PATTO, M. H. S. **Conferência Psicologia e Educação**: origem e significado de um percurso. II Semana de Psicologia e Educação. set. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EURZDfoF8CE>. Acesso em: 10 jun. 2019.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores**: unidade teoria e prática? 11. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PINHEIRO, C. S. T.; JUSTUS, J. F. C. As contribuições das tecnologias digitais de informação e comunicação para o processo de inclusão escolar. **Teias do Conhecimento**, Ponta Grossa, v. 1, p. 77-88, 2023. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/teias/article/view/22196/209209217916>. Acesso em: 3 nov. 2023.

PIOVEZAN, P. R. *et al.* A precarização do trabalho docente e o movimento sindical: atuação da Apeoesp no Estado de São Paulo de 2009 a 2014. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 49, p. 1-20, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/cqCLjS9LWJScTxfMLp4StXN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 set. 2023.

PLETSCH, M. D.; SOUZA, F. F. Educação comum ou especial? Análise das diretrizes políticas de educação especial brasileiras. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 2, p. 1286-1306, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/15126/11006>. Acesso em: 10 abr. 2022.

RESENDE, F. M. P. *et al.* Fundamentos ideológicos e normativos do Programa Escola sem Partido e seus desdobramentos na educação brasileira. **Educação e Políticas em Debate**, Uberlândia, v. 10, n. 3, p. 1229-1244, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/62780/32653>. Acesso em: 28 nov. 2022.

**INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E/OU
COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA:
impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir de percepções docentes**

Claudio Rodrigues da Silva

SAVIANI, D. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 44. ed. Campinas: Autores Associados, 2021.

SAYAD, A. L. V. **Inteligência artificial e seu impacto no desenvolvimento do pensamento crítico**. 122 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, C. R. O estudo como princípio educativo e a questão das leituras na Pedagogia do Movimento do MST. **Org&Demo**, Marília, v. 25, 2024. Fluxo contínuo. DOI: <https://doi.org/10.36311/1519-0110.2024.v25.e024008>. Acesso em: 23 jun. 2024.

SILVA, C. R. Leituras acadêmicas em curso de formação de professores: o que dizem os estudantes? *In*: LEAL, L. F.; MORAES, A. I. D. (org.). **Literatura, leitura e escrita**: interfaces. Porto Alegre: Fi; Tupã: Editora Faccat, 2018. p. 41-69.

SILVA, C. R. Leituras acadêmicas na graduação: ressonâncias na pós-graduação no Brasil. **Aula**, Salamanca, n. 28, p. 353-365, 2022. Disponível em: <https://revistas.usal.es/index.php/0214-3402/article/view/29487/28214>. Acesso em: 4 dez. 2022.

SILVA, C. R. Leituras das bibliografias básicas das disciplinas por estudantes de cursos de Graduação: o que dizem docentes do Ensino Superior? *In*: OLIVEIRA, D. R.; MORAES, A. I. D. (org.). **Diálogos pertinentes sobre educação**: o ensino fundamental de nove anos em foco. Porto Alegre: Fi, 2021. p. 220-255.

SILVA, C. R.; OLIVEIRA, A. A. S. Saesp e Educação Inclusiva: qual o lugar da deficiência intelectual? **Teias do Conhecimento**, Ponta Grossa, v. 1, p. 65-94, 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/teias/article/view/19809/209209217230>. Acesso em: 10 dez. 2023.

SILVA, E. T. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez, 2011.

SOUZA-CHALOPA, R. F.; MORAES, A. I. D. 200 anos de Educação Rural no Brasil: histórias de exclusão, abandono e discriminação. **Educação em Foco**, Belo Horizonte, v. 25, n. 46, p. 61–85, 2022. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/6627>. Acesso em: 8 set. 2022.

TORRES, J. C. *et al.* Formação de professores no contexto da Deliberação CEE/SP 111/2012: contribuições para o debate. *In*: GUILHERME, W. D. (org.). **Formação inicial e continuada de professores e a identidade docente**. Ponta Grossa:

**INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITURAS DAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E/OU
COMPLEMENTARES E O DOMÍNIO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA:
impactos na Graduação – uma análise exploratória a partir de percepções docentes**

Claudio Rodrigues da Silva

Atena, 2022, p. 9-21.

VALLEJO, I. **El infinito en un junco**. La invención de los libros en el mundo antiguo. Miami: Penguin, 2021.

VAZ, A. M.; MANJINSKI, E. Desenho universal de aprendizagem: reflexões sobre sua utilização. **Teias do Conhecimento**, Ponta Grossa, v. 3, p. 37-48, 2023.

Disponível em:

<https://revistas.uepg.br/index.php/teias/article/view/22116/209209217914>. Acesso em: 20 nov. 2023.